



Afro-Ásia

ISSN: 0002-0591

ISSN: 1981-1411

Universidade Federal da Bahia

Castillo, Lisa Earl

APRESENTAÇÃO

Afro-Ásia, núm. 64, 2021, Julho-Dezembro, pp. 469-474

Universidade Federal da Bahia

DOI: <https://doi.org/10.9771/aa.v0i64.42019>

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=77070146013>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em [redalyc.org](https://www.redalyc.org)

UABM [redalyc.org](https://www.redalyc.org)

Sistema de Informação Científica Redalyc

Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal

Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa
acesso aberto

BIBLIOTECA DE CLÁSSICOS

APRESENTAÇÃO

Marc Schiltz chegou à Nigéria em 1962, dois anos depois da independência do país. Padre católico recém-ordenado, ele pertencia à sociedade Missionaries of Africa, atuante no continente desde o século XIX. Nos anos 1960, uma abertura doutrinal permitiu aos missionários acrescentar à liturgia elementos da cultura local – inclusive a língua – desde que não estivessem em conflito com as doutrinas católicas. Nesse contexto, Schiltz se dedicou a aprender iorubá. A crescente proficiência na língua despertou um profundo interesse nas manifestações culturais iorubás, inclusive a religiosidade tradicional.

No período posterior à guerra de Biafra (1967-1970), surgiu um movimento de renascença cultural e intelectual iorubá, respaldado por alguns líderes tradicionais, como os reis das cidades de Oṣogbo e de Ilá Òràngún. Nesse contexto, Schiltz conheceu muitos intelectuais e artistas locais, como o padre e etnólogo Thomas Moulero, natural do reino de

Ketu, e os dramaturgos nigerianos Duro Ladipo e Elijah Kolawale Ogunmola. Conviveu também com estrangeiros que participavam daquele movimento, entre eles o fotógrafo e etnólogo Pierre Verger, o antropólogo Robin Horton, o documentarista etnográfico Frank Speed, o escritor Ulli Beier e a artista plástica Suzanne Wenger.¹ Horton, que

1 Nesse período, a Universidade Obafemi Awolowo, sob a liderança do então reitor Wande Abimbola, foi outro importante epicentro da renascença cultural iorubá, reunindo um vibrante conjunto de intelectuais, hoje celebrados, mas, à época, em início de carreira, entre eles Olabiyi Yai, Francis Abiola Irele, Elisée Soumonni e Wole Soyinka, além da inglesa Karin Barber, da caribenha Maureen Warner-Lewis e da brasileira Yeda Pessoa de Castro. Os intercâmbios que aconteceram nesse período entre intelectuais iorubás e o Brasil, especialmente a Bahia, foram estimulados pelo eferescente clima intelectual, a exemplo da vinda de Olabiyi Yai à Bahia, em 1975, como professor de iorubá no Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO). Num artigo retrospectivo sobre a produção intelectual de Yai, recentemente falecido, Adélékè Adéṣkò ressalta a importância do grupo de “independence generation scholars”, do qual fazia parte. Contudo, uma análise sistemática desse movimento cultural está ainda a ser feita. Cf. Adélékè Adéṣkò, “Decolonization without a linguistic turn is like drinking sugar without tea: Olábiyí Babalolá Joseph Yáí”, *Journal of*

à época lecionava na Universidade de Ilê-Ifé (atual Universidade Obafemi Awolowo) e que abordava a religião iorubá nos seus estudos, foi um importante interlocutor quando Schiltz tomou a decisão de estudar antropologia, com um projeto de doutorado sobre a migração do pequeno município de Ìgànná, no reino de Oyó, para os grandes centros urbanos como Lagos e Ibadan.² A religiosidade dos migrantes foi um dos temas abordados, dando origem a um levantamento de dados sobre os cultos aos orixás, entre eles Airá e Xangô. Nesse aspecto da pesquisa, Schiltz teve interlocutores privilegiados: Julius Bayo Oyésòrò, filho do rei de Ìtàsá, e o padre Moulero, que realizava, há anos, pesquisas pioneiras sobre os reinos iorubás de Kétu e Sábé. Ambos compartilharam com Schiltz dados valiosos sobre os cultos nesses locais.

Quando Schiltz deixou a Nigéria, em 1975, já prestes a abandonar o sacerdócio católico, gozava de um

título honorífico, conferido pelo rei de Ilá-Odo, uma pequena cidade de Oyó. Poucos anos depois, foi para a Universidade de Papua Nova Guiné, como professor. Durante seus primeiros anos lá, Schiltz produziu alguns artigos sobre aspectos da cultura iorubá, entre eles um estudo sobre Xangô e Airá.³ Contudo, o contexto cultural de Papua Nova Guiné gerou outros horizontes de pesquisa, resultando em publicações sobre temas relevantes ao novo ambiente.⁴ Depois de uma década naquele pequeno país do Oceano

the African Literature Association, v. 15, n. 2 (2021), pp. 308-320 .

2 Marc Schiltz, “Rural-urban migration in Ìgànná: A study of the changing relations of production in an agricultural community in northwestern Yorubaland”, Tese (Doutorado em Antropologia), Universidade de Londres, Londres, 1980 .

3 Marc Schiltz, “Egunun Masquerades in Iganna”, *African Arts*, v. 11, n. 3 (1978), pp. 48-55; Marc Schiltz, “‘Habitat’ and Peasantisation in Nigeria: A Yoruba Case Study”, *Man*, v. 17, n. 4 (1982), pp. 728-746 ; Marc Schiltz, “Yorùbá Thunder Deities and Sovereignty: Àrá versus Sàngó”, *Anthropos*, v. 80, n. 1-3 (1985), p. 67-84 . Coincidentemente, Ulli Beier tinha passado alguns anos como professor na Universidade de Papua Nova Guiné, depois de sair da Nigéria durante a guerra civil, mas quando Schiltz começou na instituição, Beier já tinha ido embora.

4 Ver, entre outros: Marc Schiltz, “Rascalism, tradition and the state in Papua New Guinea” in Susan Toft (org.) *Domestic violence in Papua New Guinea* (Port Moresby: Land Reform Commission, 1985), pp. 141-160; Marc Schiltz e Lisette Josephides, “Through Kewa Country” in Edward L. Schieffelin e Robert Crittenden, *Like People You See in a Dream: First Contact in Six Papuan*

Pacífico, Schiltz foi para o Queen's College, em Belfast, Irlanda do Norte. De todos os lugares em que o antropólogo viveu, entretanto, foi a Nigéria que tomou como foco de um livro autobiográfico escrito nos anos 1990.⁵ Posteriormente, Schiltz voltou a escrever sobre a cultura iorubá, publicando, entre outros textos, uma versão ampliada do estudo sobre Xangô e Airá, aqui traduzida para o português.⁶

O texto aqui traduzido, originalmente intitulado “*Yoruba Thunder Deities and Sovereignty: Àrá versus Šàngó*”, é uma rica etnografia sobre as inter-relações, afinidades e rivalidades entre os orixás Airá e Xangô. Para o público brasileiro, uma das grandes contribuições do estudo é a abundância

de informações sobre o culto a Airá no contexto iorubá. No candomblé ketu, Airá é frequentemente tratado apenas como uma qualidade de Xangô. Na verdade, porém, a situação é mais complexa, pois o próprio Airá tem várias qualidades, entre elas Airá Intilé. Este, segundo a memória oral, teria sido patrono do antigo Candomblé da Barroquinha. Frequentemente tida como matriz de toda a nação ketu, essa comunidade, desaparecida no século XIX, teria dado origem aos terreiros da Casa Branca e do Gantois. Apesar da evidente importância histórica do culto a Airá no Brasil, pouco se sabe sobre ele na África. A obra de Pierre Verger, ainda a maior referência em língua portuguesa sobre os orixás na África, quase nada diz a respeito do culto a Airá.⁷ Mesmo na bibliografia internacional, em contraste com as fartas informações sobre Xangô, referências a Airá são quase inexistentes. Isto decerto decorre do pequeno número de adeptos do culto a Airá, que, como Schiltz demonstra, é restrito a alguns

Societies (Palo Alto: Stanford University Press, 1991), pp. 198-224.

5 Marc Schiltz, *Looking at Christians and Christianity Through a Stained-Glass Window in Yorubaland: A Personal Memoir*, texto inédito. Um original está depositado na biblioteca da Universidade de Bayreuth, Alemanha.

6 Marc Schiltz, “A Yoruba tale of marriage, magic, misogyny and love”, *Journal of Religion in Africa*, v. 32, n. 2 (2002), pp. 335-365 ; Marc Schiltz, “Yorùbá Thunder Deities and Sovereignty: Àrá versus Šàngó” in Joel E. Tishken, Toyin Falola e Akintunde Akinyemi (orgs.), *Šàngó in Africa and the African Diaspora* (Bloomington: Indiana University Press, 2005), pp. 78-108.

7 Pierre Verger, *Orixás: deuses iorubás na África e no novo mundo*, Salvador: Fundação Pierre Verger, 2018, p. 146; Pierre Verger, *Notas sobre o culto aos orixás e voduns*, São Paulo: Edusp, 1998, pp. 326-327.

poucos enclaves na região ocidental da Iorubalândia.

Além de oferecer dados pioneiros sobre o culto a Airá, o trabalho de Schiltz também se destaca por abordar o campo ritual como dinamicamente interligado ao âmbito político. No início dos anos 1980, a maioria dos estudos sobre a religiosidade iorubá pressupunha a existência de continuidades históricas e geográficas nas identidades das divindades, bem como na mitologia a seu respeito. Em contraposição, o estudo de Schiltz demonstra as limitações dessa perspectiva, ao focalizar precisamente as variações geográficas e temporais dos dois cultos. Para Schiltz, essas divergências são indícios de trajetórias históricas distintas, fornecendo uma janela para compreender o papel da política na evolução de particularidades rituais. No panteão de Oyó, Xangô ocupava uma posição privilegiada como orixá patrono do reino e a expansão do seu culto foi impulsionada pelo aparelho político-militar da metrópole, gerando tensões nos locais subordinados à sua soberania política e religiosa. Em alguns locais onde o culto a Airá já existia quando o culto a Xangô foi instalado, a memória das tensões é

expressa metaforicamente através da linguagem de gênero, com Xangô caracterizado como a “esposa” de Airá.⁸ Essas evidências sobre a mutabilidade do conceito de gênero como atributo de um orixá relembra a famosa polêmica sobre Oduduá, ancestral primordial do povo iorubá, travada entre Juana Elbein dos Santos e Pierre Verger em 1982. Enquanto a primeira defendia que Oduduá era feminino, Verger insistia que era masculino.⁹ Na verdade, a depender do local, talvez ambos tivessem razão: na região ocidental da Iorubalândia, há lugares onde Oduduá é considerado

8 Poucos anos depois, outros pesquisadores começaram a abordar a plasticidade do conceito de gênero entre os iorubás. Cf. J. Lorand Matory, *Sex and the Empire That Is No More: Gender and the Politics of Metaphor in Oyo Yoruba Religion*, Minneapolis: University of Minnesota Press, 1994, p. 320; Oyeronke Oyewumi, *The Invention of Women: Making an African Sense of Western Gender Discourses*, St. Paul: University of Minnesota Press, 1997; J. D. Y. Peel, “Gender in Yoruba Religious Change”, *Journal of Religion in Africa*, v. 32, n. 2 (2002), pp. 136-166. Desse estudos, entretanto, apenas o de Peel reconhece a contribuição feita por Schiltz.

9 Juana Elbein dos Santos, “Pierre Verger e os resíduos coloniais: o outro fragmentado”, *Religião e Sociedade*, n. 8 (1982); Pierre Verger, “Etnografia religiosa e probidade científica”, *Religião e Sociedade*, n. 8 (1982).

feminino, apesar de, na maioria do território iorubá, ser tido como masculino.

Da perspectiva da história do candomblé ketu, talvez a informação mais impressionante no artigo de Schiltz seja a discussão da história da antiga cidade de Ìtílé, um centro do culto a Airá, destruído nas guerras do século XIX, onde o rei era conhecido pelo título *onítílé*. A semelhança do título com o nome Intilé – associado ao orixá patrono do desaparecido Candomblé da Barroquinha – proporciona um enorme avanço na compreensão do

histórico dessa entidade tão importante nos primórdios do candomblé, sugerindo que o culto remonta à gente de Ìtílé, vendida ao tráfico negreiro em decorrência dos conflitos armados que atingiram a cidade. No entanto, a imensa quantidade, riqueza e grau de detalhes dos dados etnográficos apresentados no texto de Schiltz, abrangendo mitos, rituais, migrações etc., possibilitam uma multiplicidade de reflexões sobre diversos assuntos relacionados aos cultos estudados, tornando o texto uma referência para leitores de vários campos acadêmicos e para o próprio povo de axé.

Lisa Earl Castillo 

Pesquisadora independente